



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS V
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

FABIANA ALESSANDRA DA SILVA LEYTON

**O BECO:
Caracterização do comércio ilegal e valorização de
aves silvestres na feira livre de Oitizeiro da cidade de
João Pessoa, Paraíba, Brasil.**

**JOÃO PESSOA – PB
2012**

FABIANA ALESSANDRA DA SILVA LEYTON

**O BECO:
Caracterização do comércio ilegal e valorização de
aves silvestres na feira livre de Oitizeiro da cidade de
João Pessoa, Paraíba, Brasil.**

Monografia apresentada ao Curso de
Graduação de Ciências Biológicas da
Universidade Estadual da Paraíba, em
cumprimento à exigência para obtenção do
grau de Bacharel.

Orientador: Dr. Vancarder Brito Sousa
Co-Orientador: Me. Nivaldo Aureliano Léo Neto

JOÃO PESSOA – PB
2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

L681b Leyton, Fabiana Alessandra da Silva.
O BECO: Caracterização do comércio ilegal e valorização de aves silvestres na feira livre de Oitizeiro da cidade de João Pessoa, Paraíba, Brasil / Fabiana Alessandra da Silva Leyton. – 2012.
42f. il. Color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Biológicas) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2012.
“Orientação: Prof. Dr. Vancarder Brito Sousa, Departamento de Ciências Biológicas.”

1. Etnoornitologia. 2. Tráfico. 3. Feira de aves. I. Título.

CDD 21. ed. 635.5

FABIANA ALESSANDRA DA SILVA LEYTON

**O BECO:
Caracterização do comércio ilegal e valorização de
aves silvestres na feira livre de Oitizeiro da cidade de
João Pessoa, Paraíba, Brasil.**

Monografia apresentada ao Curso de
Graduação em Ciências Biológicas da
Universidade Estadual da Paraíba, em
cumprimento à exigência para obtenção do
grau de Bacharel.

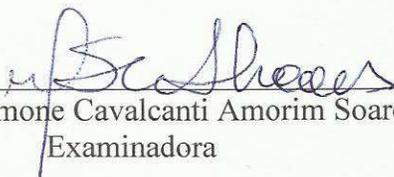
Aprovada em: 07 / 11 / 2012



Prof^o Dr^o Vagner Brito Sousa / UEPB
Orientador



Prof^a Dr^a Teresa Cristina Furtado Matos / UFPB
Examinadora



Prof^a Me. Martha Simone Cavalcanti Amorim Soares / UEPB
Examinadora

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Vânia Leyton e Feliciano Leyton, que tanto lutaram para que eu alcançasse esse título, ao meu noivo, Daniel Quintino pela dedicação, companheirismo e amizade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela inspiração para escrever, pela tranquilidade nos momentos de mais inquietude e pela perseverança.

Agradeço a minha família, em especial a minha mãe que é meu porto seguro, por ter me proporcionado esse momento, pois sem eles não teria conseguido alcançar esse primeiro dos muitos degraus que virão.

Agradeço ao meu noivo, tão amado, pela compreensão, amizade e apoio em todos os momentos dessa jornada.

Agradeço ao meu Orientador e meu Co-orientador, pela atenção e principalmente paciência, me dando embasamento para o desenvolvimento do meu trabalho e acreditando sempre no meu êxito.

Agradeço a banca pela importante contribuição ao desenvolvimento desse texto.

Agradeço aos meus amigos do Parque Zoobotânico Arruda Câmara e aos meus queridos professores da Graduação pelos conhecimentos que adquiri com vocês ao longo desse trajeto.

RESUMO

O comércio ilegal de animais silvestres é considerado hoje o terceiro maior negócio ilícito do mundo, perdendo apenas para o tráfico de drogas e de armas. Com isso, este trabalho objetivou compreender a construção da idéia de importância das espécies de aves para captura e comércio ilegal das mesmas. A pesquisa foi realizada na principal feira livre da cidade de João Pessoa, através de conversas orientadas com vendedores e frequentadores das feiras, observação, levantamento bibliográfico e desenvolvimento de uma etnografia. Foi possível observar que existem algumas aves preferidas para o comércio, que são as que cantam mais, são mais coloridas e mais fáceis de manter em cativeiro. Alguns daqueles vendedores, acreditam que as atividades desenvolvida por eles não é ilegal e outros nem sabem o porquê da proibição, acreditando que o ilegal é apenas maltratar, não alimentar da maneira adequada, deixar machucado e permitir a morte devido as armadilhas. Acredito que a comercialização de aves não acabará com a repressão do IBAMA em recolher os animais. Faltam estratégias de sensibilização ambiental, aliada à compreensão dos motivos culturais que levam aquelas pessoas a comercializar aves, não se tratando, muitas vezes, apenas de uma atividade financeira.

PALAVRAS-CHAVE: Etnornitologia. Vendedores. Feira de aves. Tráfico.

A B S T R A C T

The illegal commerce of wildlife is currently considered the third largest illicit business in the world, just staying behind the trafficking of drugs and arms. Considering such fact, this study aimed to understand the construction of the idea of importance of bird species that lead to their capture and illegal commerce. The research was conducted in the main street market in the city of João Pessoa, through oriented conversations with sellers and people who frequent fairs, observation, literature review and development of an ethnography. It was observed that there are some preferred birds for trade, which are the ones that sing more, are more colorful and easier to keep in captivity. Some of those sellers believe that the activities they develop are not illegal and others do not know the reason for the prohibition, believing that it is only illegal to mistreat, not to feed properly, to leave them injured and to allow death caused by traps. I believe that the commerce of birds will not end with the repression from IBAMA in recollecting the animals. There is a lack of strategies for environmental awareness, together with the understanding of the cultural reasons that lead those people to commercialize birds, often not only regarding a financial activity.

KEYWORDS: Etnoornithology. Sellers. Birds marketing. Trafficking.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Relação das espécies de aves comercializadas no Beco.....	31
---	----

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 –	Distribuição relativa das famílias de aves registradas, com destaque para a predominância de espécies da família Emberizidae.....	29
GRÁFICO 2 –	Participação marcante do gênero <i>Sporophila</i> entre as espécies comercializadas	29

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 –	Localização do bairro de Oitizeiro no Município de João Pessoa	16
FIGURA 2 –	Localização do Beco, mostrando a inserção da feira de aves no mercado público de Oitizeiro/Feira de frutas).....	20
FIGURA 3 –	Distribuição das barracas ao longo do beco.....	21
FIGURA 4 –	O Beco durante a semana	22
FIGURA 5 -	Acessos ao Beco.....	25

LISTA DE SIGLAS

CITES	Convenção sobre o Comércio Internacional de Espécies da Fauna e Flora Selvagem em Perigo de Extinção
IBAMA	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
IUCN	União Internacional para a Conservação da Natureza e dos Recursos Naturais
MMA	Ministério do Meio Ambiente
RENCTAS	Rede Nacional de Combate ao Tráfico de Animais Silvestres
UEPB	Universidade Estadual da Paraíba

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
1.1	Histórico do Tráfico.....	13
1.2	Legislação.....	14
1.3	Objetivo Geral.....	15
1.4	Objetivo Específico.....	15
1.5	Metodologia.....	16
2	REFERENCIAL TEÓRICO	18
3	A ETNOGRAFIA	19
3.1	A Escolha do Espaço da Etnografia.....	19
3.2	O Beco.....	22
3.3	Dia de Feira.....	24
4	O COMÉRCIO DE AVES	28
5	CONCLUSÃO	32
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	38

1. INTRODUÇÃO

A América do Sul possui a mais rica avifauna do planeta, com mais de 2950 espécies, entre residentes e visitantes (MMA, 2003). O Brasil, com 8.547.403,5 km² de área, se encontra entre os países de maior riqueza de fauna do mundo, ocupando a 1^a posição em número total de espécies, com aproximadamente três mil espécies de vertebrados terrestres e três mil de peixes de água doce (Mittermeier et al., 1992; IBGE, 2001). O Brasil possui um número estimado em 1796 espécies de aves, sendo 191 endêmicas segundo o Ministério do Meio Ambiente (MMA, 2003).

No Nordeste brasileiro estão presentes em torno de 695 espécies de aves catalogadas, distribuídas em 20 ordens e 63 famílias (SICK, 1997). A Caatinga, o único bioma estritamente brasileiro, possui 348 espécies de aves, com 4,3% endêmicas (MENEZES et al, 2004). A mata Atlântica apresenta 1832 espécies catalogadas em todo o país (SILVEIRA, 2010).

O comércio ilegal de animais silvestres é hoje o terceiro maior negócio ilícito do mundo, perdendo apenas para o tráfico de drogas e de armas (PADRONE, 2004), sendo as aves os mais visados devido a sua diversidade de cores e canto, assim como sua maior distribuição geográfica (PEREIRA & BRITO, 2005).

No Brasil, observa-se uma tendência norte-sul do tráfico de animais silvestres, de modo que as regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, participam como áreas de captura e de pequenos e médios mercados, a região Sul como corredor e a Região Sudeste, como a grande consumidora e promotora do tráfico nacional e internacional (LOPES, 2003). Só na região Nordeste foram apreendidos, entre os anos de 1992 e 2000, 108.041 animais silvestres, número superior ao das demais regiões (RENCTAS, 2001), sendo as cidades de Recife e Petrolina (PE), Itabaiana (SE), Salvador, Feira de Santana e Paulo Afonso (BA), Crato (CE) e Picos (PI) as principais envolvidas no tráfico desta região (ELABRAS, 2003).

Em se tratando do comércio de aves, os pontos de venda são bastante populares, sendo a sua realização do conhecimento da população, inclusive por aqueles que não negociam aves (GAMA & SASSI, 2008).

O ambiente da venda é um local relativamente discreto da feira, onde os vendedores se misturam com os visitantes e é possível perceber uma relativa tensão tanto dos vendedores como dos eventuais compradores. Todos têm consciência que tal atividade é ilegal e por isso estão sempre alerta de modo a evitar fiscalização.

É importante ressaltar que a maioria das feiras está “aparelhada” com os chamados “olheiros”, que são vigias posicionados estrategicamente de maneira à “soltar o alarme” caso percebam alguma movimentação estranha. Algumas contam com seguranças contratados para reprimir a ação de ambientalistas e jornalistas curiosos (FILHO, 2009).

A oferta exposta nas feiras não é completa, entretanto a disponível é vasta. Em grande parte das feiras, para encobrir a oferta oferecida, as residências situadas num raio de 200m, são utilizadas como depósitos clandestinos e, portanto, se o comprador manifesta interesse em algum animal que não esteja exposto, a encomenda já está a sua espera (FILHO, 2009).

Geralmente, as aves consideradas raras (que são aquelas mais procuradas por sua plumagem diferente, canto, os que imitam a voz humana) são comercializadas diretamente com o criador e atingem os maiores valores, sendo raramente vistas nos mercados livres (ROCHA et al, 2006).

Diante disso, é possível entender que para os vendedores e compradores de animais silvestres, o tráfico não é apenas um jogo econômico mas uma questão de status e satisfação pessoal de vender animais silvestres. “Possuir animais silvestres sempre foi símbolo de riqueza, conferindo poder e nobreza para seu dono perante a sociedade” (KLEIMAN et al, 1996).

1.1. Histórico do Tráfico

De acordo com o Relatório da Rede Nacional Contra o Tráfico de Animais Silvestres (RENCTAS, 2001), a fauna silvestre era culturalmente importante para as tribos indígenas brasileiras, que utilizavam diversas espécies para alimentação, ornamentação e para fabricação de instrumentos e ferramentas de forma criteriosa, sem ameaçar a sobrevivência das espécies, não abatendo fêmeas prenhas ou animais em idade reprodutiva, por exemplo.

Em menos de 500 anos o Brasil já perdeu cerca de 94% de sua cobertura vegetal da Mata Atlântica, um dos principais ecossistemas do país. A busca de animais para o tráfico nacional e internacional é cada vez mais constantes nas matas tropicais. Essa atividade movimenta cerca de US\$ 10 bilhões ao ano, sendo o Brasil responsável por aproximadamente 10% desse mercado (RENCTAS, 2001).

Com base em estudos, a melhor estimativa é que cerca de 90 espécies de mamíferos e 113 de aves tornaram-se extintas desde o ano de 1600. (PRIMACK & RODRIGUES, 2001).

1.2. Legislação

A lei nº 5197/67, mais conhecida como a Lei de Proteção à Fauna, foi a primeira legislação própria desse tema. Nessa lei a fauna silvestre, ninhos, abrigos e criadouros naturais são propriedades do Estado, sendo proibida a sua utilização, perseguição, destruição, caça ou apanha. Proibiu, ainda, a caça profissional e o comércio de espécimes da fauna silvestre e de seus produtos, exceto os provenientes de criadouros legalizados. (LADEIA & FENNER s/d).

Alguns anos depois foi promulgada a Constituição Federal de 1988, que, em seu Capítulo VI, artigo 225, trata do fortalecimento da proteção do meio ambiente, o que inclui a fauna, considerando que todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações (BRASIL, 1988).

Após dez anos, a Lei 9605/98, chamada de Lei de Crimes Ambientais, em seu Capítulo V, artigo 29, dispõe que matar, perseguir, caçar, apanhar, utilizar espécimes da fauna silvestre continua sendo considerado crime, contudo não é mais inafiançável. Se o ato criminal atinge espécies ameaçadas de extinção, a pena é aumentada em 50%. Se além de constante na lista oficial nacional de ameaçada de extinção, a espécie constar ainda no anexo I ou II da Cites (Convenção sobre o Comércio Internacional de Espécies da Fauna e Flora Selvagem em Perigo de Extinção), a multa por espécime apreendido pode de R\$ 500 alcançar R\$ 3 mil ou mesmo R\$ 5 mil (Decreto Federal nº 3179/99). O abate de animal quando realizado em estado de necessidade não é considerado crime (BRASIL, 1998).

Segundo o Relatório da RENCTAS (2001), os avanços tecnológicos permitiram acessar áreas antes não acessíveis, aumentando sua vulnerabilidade ao tráfico ilegal:

Na década de 60, esse comércio estava estabelecido, sendo praticado em feiras livres. Até então, essa prática não era submetida a controle governamental, tornando-se ilegal em 1967, quando foi promulgada a Lei Federal nº 5197, de 3 de janeiro de 1967, a Lei de Proteção à Fauna. Esta declarava todos os animais da fauna silvestre nacional e seus produtos como propriedade do Estado Brasileiro e não poderiam mais ser caçados, capturados, comercializados ou mantidos sob posse de particulares.

Entretanto, como não foram dadas alternativas econômicas às pessoas que viviam desse comércio, da noite para o dia passaram a exercer atividades marginais, começando, a partir desse momento, a história do tráfico da fauna silvestre brasileira.

1.3 Objetivo Geral

- Compreender como ocorre a construção simbólica da valorização das aves para o comércio ilegal na feira livre de Oitizeiro.

1.4 Objetivos Específicos

- Identificar os grupos de aves mais visados pelos compradores.
- Compreender como se constrói o interesse e envolvimento de vendedores e clientes com o comércio ilegal de aves.
- Analisar como ocorre a dinâmica da comercialização das aves na feira livre de Oitizeiro na Cidade de João Pessoa.

1.5 Metodologia

A área de estudo foi a Feira de Oitizeiro no bairro de Oitizeiro, situada na zona oeste da cidade de João Pessoa (Figura 1). Nessa feira livre, a principal da cidade, fica localizada o ponto de comércio ilegal de aves.

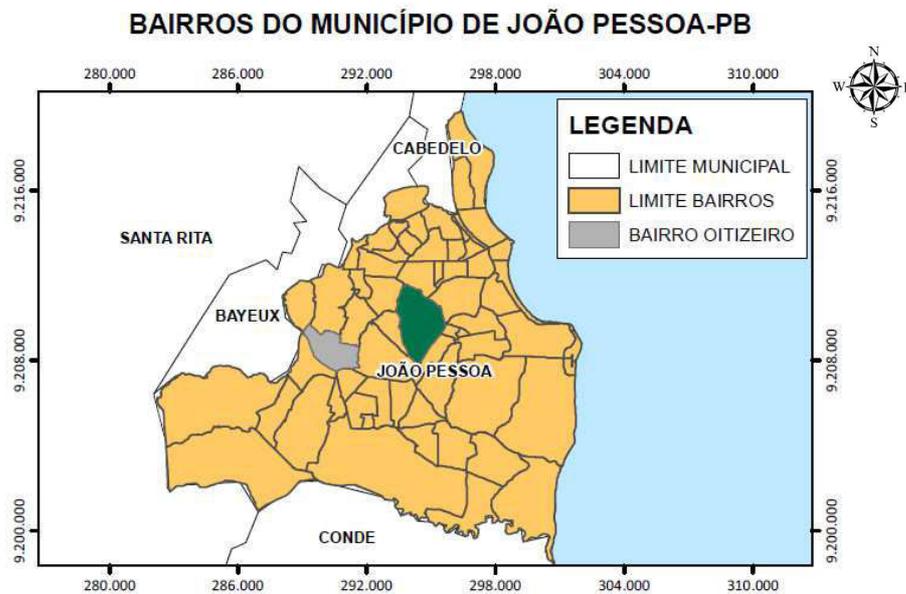


Figura 1 – Localização do bairro de Oitizeiro no Município de João Pessoa

Para a coleta dos dados foram realizadas em torno de 15 visitas no período de Agosto de 2011 a Outubro de 2012. Já nas primeiras visitas de caráter exploratório, foram realizadas conversas orientadas informais com vendedores e visitantes da feira. Também foram realizados levantamentos documental e bibliográfico. As conversas tiveram o intuito de obter informações acerca da importância das espécies, quais são mais procuradas, do que se alimentam, formas de captura e valores de venda.

Conversas orientadas caracterizam-se como, encontros informais nas quais as perguntas são pautadas por uma lista de tópicos estruturada previamente e o ritmo da comunicação se dá sem maior rigor.

A observação participante é uma das técnicas frequentemente utilizada pelos pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa e consiste na inserção do pesquisador no interior do grupo observado, interagindo por longos períodos com os sujeitos, buscando partilhar o seu cotidiano para sentir o que significa estar naquela situação (QUEIROZ et al, 2007). Assim como desenvolver uma descrição etnográfica com o fim

de analisar os significados dos comportamentos e as expressões do mundo do comércio ilegal das aves (LEGLER & CAVEDON, 2002).

Durante a atuação no campo, os dados recolhidos foram provenientes de fontes diversas, nomeadamente observação participante. Mas, também, através de entrevistas realizadas ao longo da minha inserção na feira, visando a elaboração de uma etnografia. A etnografia pretende compreender, preponderantemente, os padrões mais previsíveis do pensamento e comportamento humanos manifestos em sua rotina diária e ainda estudar os fatos e/ou eventos menos previsíveis e interpretados ou manifestados particularmente em determinado contexto interativo entre as pessoas ou grupos (MATTUS, 2001).

Em relação à etnografia Geertz (1989), ressalta que esta se constitui em uma experiência interpretativa na qual o pesquisador não vai perceber o que seus informantes percebem, mas com que, ou por meio de que, ou através de que os outros percebem. E assim como Malinowski (1980: p.47) destacou, tais aspectos não estão claros, explícitos ou escritos no bojo de uma sociedade, é necessário uma visualização e estranhamento do familiar para uma melhor observação etnográfica.

Para Dalmolin et al.(2002: pg. 24), “é possível perceber que a etnografia nos permite compreender a dinâmica das relações sociais nas sociedades contemporâneas. Entrar nessa dinâmica é sujeitar-se a correr riscos e ter que construir novas ferramentas para a compreensão dos nossos objetos de pesquisa”.

Contudo, para a consecução do esforço etnográfico, buscou-se na teoria antropológica a base para o trabalho de campo e obtenção dos dados necessários para a análise e construção da realidade, compreendendo-se a feira de animais, como uma organização ou espaço social na qual muitas pessoas fazem parte (LEGLER & CAVEDON, 2002). Também percebo a feira como algo dinâmico, que está em constante movimento, não somente espaço-temporal (devido ao trânsito constante de pessoas), mas a um movimento que estaria ligado a uma dinâmica social no tempo. Portanto, a feira de animais, neste estudo, também é vista como uma unidade dinâmica, em constante processo de modificação, reconstrução do que lhe é posto como parte integrante de seu meio. Suas fronteiras podem não ser visíveis, mas nem por isto deixam de existir, conforme veremos ao longo da discussão.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A exuberância de nossas riquezas naturais despertou cobiça desde o primeiro contato com nossos colonizadores. A admiração era tanta que um dos primeiros nomes do país foi ‘Terra dos Papagaios’(BARROSO, 2000).

O ato de comercializar aves tornou-se uma atividade comum em muitos países considerados subdesenvolvidos até os dias de hoje, onde, por falta de condições existe uma parcela significativa da sociedade que sobrevive desta atividade.

A etnoornitologia é a ciência que aborda o conhecimento popular sobre as aves, descrevendo e analisando os conhecimentos e as práticas das populações locais, permitindo uma compreensão das práticas humanas em relação a estas. Atualmente, os estudos em etnoornitologia constituem um campo de cruzamentos de conhecimentos, nos mais diversos contextos culturais e ecológicos (FARIAS & ALVES, 2007; SICK, 1997).

No entanto, ainda no âmbito da etnoornitologia é possível se deparar com inúmeros problemas de ordem sócio-ambiental. O comércio ilegal de animais silvestres é reconhecido hoje como uma atividade prejudicial ao meio ambiente, onde as aves representam uma parcela significativa do tráfico de animais, dado a sua abundância, variedade na natureza e preferência pela população, que tradicionalmente valoriza o canto e beleza de suas plumagens, mantendo-as em cativeiro (SOUZA & FILHO, 2005).

Segundo Diblasi Filho (2009) & Norberto (2009), o tráfico de animais é uma prática antiga, que se define pela retirada de espécimes da natureza para que possam ser vendidos no mercado interno brasileiro ou para o exterior.

Segundo avaliações técnicas, o impacto do tráfico sobre o equilíbrio ambiental é significativo, sendo a segunda principal causa da redução populacional de várias espécies nativas, depois da redução de habitat pelo desmatamento (ROCHA, 1995). Além da extinção das espécies, a redução populacional de aves pode levar a quebra das cadeias alimentares nos ecossistemas e a interrupção ou redução a processos reprodutivos, visto que os animais polinizam as plantas e dispersam as sementes, garantindo a sua manutenção (SOUZA & FILHO, 2005).

O comércio de animais silvestres, assim como qualquer outro, necessita de um suporte tecnológico onde possa ser trocado informações entre os membros, conforme constatações de Hernandez & Carvalho, (2006: pg 6888):

A estrutura do tráfico apresenta características em comum com a sociedade de informação. Ela necessita de aparelhagem que possibilite constantes trocas de informações sobre rotas, animais mais cotados no mercado negro, novos meios de fraude e vias de corrupção. As novas tecnologias são utilizadas para aumentar a possibilidade de êxito nas operações criminosas, seja através do uso de celulares, computadores para fraudar documentação, vendas via Internet, entre outras.

O tráfico não é algo estático, as pessoas que fazem parte dessa atividade podem ser facilmente substituídas por outras, mais eficientes, confiáveis ou qualificadas para a atividade (HERNANDEZ & CARVALHO, 2006).

De acordo com a polícia, os traficantes de animais têm técnicas próprias e sofisticadas para tirar clandestinamente os animais do país. São justamente essas técnicas que interessam aos narcotraficantes e, cada vez mais, as quadrilhas se tornam parceiras nos negócios ilícitos (CASTELLS, 1999).

Com isso, por trás de toda essa exploração sem limites da fauna silvestre, é possível enxergar uma alternativa econômica e práticas que se apresentam agradáveis para quem as pratica, que incentivam o envolvimento de grande parte da população local, amigos e parentes daqueles que participam de tal atividade, aumentando, cada vez mais, a rede de pessoas envolvidas no comércio ilegal.

3 A ETNOGRAFIA

3.1. A escolha do Espaço da Etnografia

Quando pensei em iniciar uma pesquisa sobre comércio ilegal de aves silvestres, pensei em como fazê-la de uma maneira na qual pudesse me aproximar do esclarecimento da questão: “porque comercializar aves silvestres?”.

Comecei a amadurecer a ideia e vi que a maioria das notícias da cidade de João Pessoa sobre apreensão de aves vendidas de maneiras ilegais eram em feiras livres, uma em especial, a Feira de Oitizeiro.

A feira de Oitizeiro está localizada no bairro de Oitizeiro na zona oeste da cidade. No que se refere ao bairro, durante a semana, há uma grande circulação de pessoas pelas ruas. É possível observar pessoas nas calçadas, varais com roupas estendidas na frente das casas, carros parados, motos, portões abertos e pessoas

conversando na calçada. Um cenário que muda completamente durante os finais de semana, principalmente aos domingos, onde ocorre além da feira de frutas, a feira de aves e de troca.

Dessa forma, a escolha da feira-livre de Oitizeiro para o desenvolvimento de minha pesquisa sobre comércio ilegal de aves silvestres, se deu pelo fato de a “feira de aves” encontrar-se inserida em uma feira bastante movimentada, onde, nesse primeiro momento, de partida, já destacou-se a percepção da singularidade da ideia de uma feira dentro de outra. Assim, à medida que se adentra ao espaço da feira, ocorre o nascimento de outra feira, com produtos para venda totalmente diferentes e público também diferente e, mais importante, apresentando outras dinâmicas e referências simbólicas. Para ser mais clara, vou exemplificar com a minha própria observação, que ao caminhar pela feira de fruta, me deparei com uma fronteira invisível, mas que era impossível de não ser notada, onde ao atravessá-la me deparei com a feira de troca que é a feira de objetos sem utilidades que são levados para venda, mas também roupas, celulares, etc. E ainda dentro do universo onde uma feira se subdivide, pude perceber caminhando pela feira de troca outra fronteira, na qual me levou ao meu espaço da pesquisa, a feira de aves.



Figura 2 – Localização do Beco, mostrando a inserção da feira de aves no mercado público de Oitizeiro /Feira de frutas.

Intensificando meu interesse por estudar as práticas de comércio ilegal de aves nessa feira, chamou minha atenção o fato desta se realizar todo domingo em um pedaço de rua de comprimento pequeno de aproximadamente 5m de largura x 55m de comprimento, com algumas barracas de alimentação (salgadinhos, churrasquinhos), vendas de gaiolas e ração, vendas de animais (domésticos, exóticos e silvestres nativos), entre outros. Uma observação frequente e bem marcante é a presença de um semi-círculo de pessoas, geralmente vendedores, para a observação de uma demonstração de brigas de galo, fornecida pelos vendedores dos galos de briga (Figura 3). O “beco”, como assim denominei se apresenta bastante dinâmico, onde o medo, a tensão, o lazer e o considerado “errado” prevalecem.

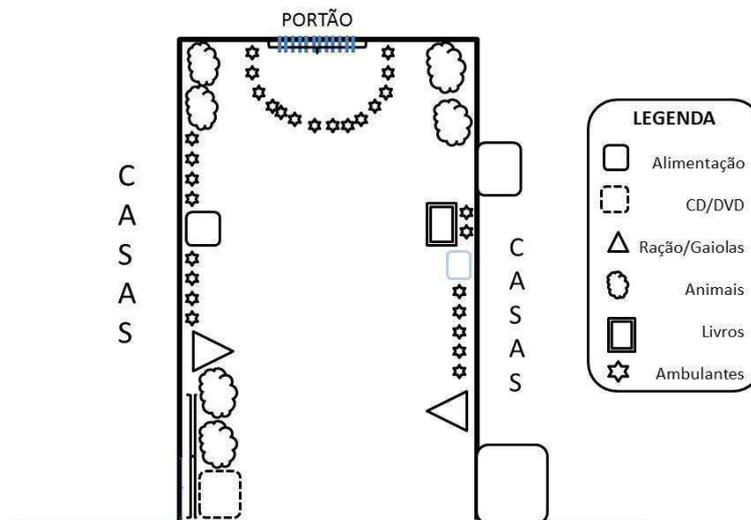


Figura 3 – Distribuição das barracas ao longo do beco

A feira de Oitizeiro está localizada no bairro de Oitizeiro, um bairro periférico da cidade de João Pessoa. Todo o suporte e barracas que a feira de aves e de troca oferece é montado no sábado a noite e desmontado logo após o final da feira no domingo em torno das 11:30h. Existem pessoas contratadas para executar essa tarefa de montar e desmontar as barracas nos horários previstos.

Esse espaço de atividades do beco não existe durante a semana, apenas aos domingos pela manhã, onde o mesmo ao iniciar a semana volta a sua rotina diária, se tornando um espaço vazio de acesso as casas, possibilitando inclusive a passagem de automóveis pelo local (Figura 4).



Figura 4 – O Beco durante a semana - Fonte: maps.google.com.br

Às vezes me pergunto como aquelas pessoas que moram no beco das aves não se incomodam com aquela atividade? Será que elas fazem parte daquilo ou são obrigadas a se acostumarem com uma imensa quantidade de pessoas na porta da sua casa todos os domingos? A verdade é que muitos que vivem ali no beco se incomodam bastante com a movimentação, falta de acesso a sua própria casa e com a sujeira que fica neste após a feira. Conversando com um dos seus moradores, obtive o seguinte comentário: “Isso é um inferno. Quando dá três horas da manhã do domingo começam a bater nas coisas, a falar alto, aí ninguém consegue dormir mais não.” Esse tipo de comentário é comum entre os moradores. Um deles até me confessou que já foi preso e teve que pagar multa, porque durante uma fiscalização do IBAMA, alguns ambulantes lançaram as gaiolas com aves para dentro de sua casa e os fiscais acreditaram que ele as comercializava.

Também percebi alguns moradores que aproveitam o movimento para vender algumas coisas que não queiram mais, na porta de sua casa. Aproveitei e perguntei a um deles se ele gostava daquela atividade e a resposta foi: “Essa feira incomoda muito, mas quando eu vim morar aqui já sabia da existência da feira. Então aproveito pra vender esses livros velhos, mas se acabasse essa feira pra mim seria ótimo”.

3.2. O Beco

Antes de adentrar no espaço onde se pratica o comércio das aves, é importante considerar que o beco está inserido em uma das maiores feiras livres da cidade de João

Pessoa, em um bairro periférico de classe média/baixa, onde há uma grande circulação de pessoas todos os dias e ao longo deste, de vários bairros da cidade.

Nesse espaço onde ocorre a feira-livre a medida que caminhava me deparei com uma diferença, algo como uma fronteira entre duas feiras distintas, mas que ocupavam o mesmo espaço. De repente, saio de uma feira de frutas e verduras e entro em uma feira de “tecnologias”, onde era possível ver celulares, rádios, pilhas, carregadores de celulares e de câmeras fotográficas, controle remoto, CD’s e DVD’s falsificados e diversas quinquilharias na qual alguém estranho aquele ambiente poderia supor que fossem vendidas ali, como por exemplo, telefone velho, liquidificador quebrado, ferro de passar, pneu para carro, e outras coisas usadas que ali é revendido. Essa parte da feira é conhecida como Feira de Troca. Aquilo me chamou bastante atenção, pois a mudança brusca de produtos para venda e de tipos de fregueses era bastante nítido. No primeiro momento, na feira de frutas, nos deparamos na maioria das vezes com mulheres e crianças, enquanto que ao adentrar a Feira de troca e principalmente a feira de aves, o público é na maior parte homens e que na grande maioria também fazem parte daquele negócio. A feira de troca, assim como a de aves, só ocorre aos domingos, havendo uma grande circulação de pessoas. Adentrando mais nessa feira, por fim chegamos ao nosso espaço da pesquisa, a feira de aves. Me surpreendi pois a feira de aves não era tão exposta como achei que fosse, como para dificultar o acesso dos órgãos de fiscalização. Porém todos naquele local sabem que se caminharmos pela feira de troca, chegaremos ao beco onde ocorre a feira de aves.

Para iniciar minha pesquisa nesse ambiente, tive que tentar deixar de lado alguns medos e alguns receios, pois como era um ambiente novo e nada familiar, na qual eram realizadas práticas ilegais, tive muito conselho do tipo “cuidado com essa gente”, “esse é um lugar muito perigoso”, “vão te fazer algum mal”. Na verdade, tenho que confessar que minhas primeiras visitas foram bastante tensas, controlando as palavras e os olhares, mas com o envolvimento e o passar das visitas fui ficando cada vez mais parte dali, e o meu olhar voltava-se para as atividades referentes as aves e para os gestos e práticas das pessoas que frequentavam este espaço, seja vendedores ou compradores.

Essa tensão nas visitas não era só da minha parte, percebi que todos me olhavam e me percebiam sempre que me apresentava naquele espaço, talvez pelo fato de misturado a uma multidão de homens, ter uma mulher que frequentava algumas vezes aquela feira. No início todos me olhavam desconfiados e procuravam não falar

muito comigo, apenas me observavam muito. Com o passar das visitas, a observação continuava, porém era possível ter um diálogo com alguns deles. Lembro que em uma de minhas visitas, fiz um questionamento a respeito de uma das aves a um vendedor, e na visita seguinte aquele mesmo vendedor me reconheceu e veio conversar sobre o que havíamos falado no domingo anterior. A minha presença ali era nítida aos olhos de todos, porém nunca chegaram até mim, para questionar a minha presença naquele local.

Grande parte das pessoas que frequentam aquele ambiente são pessoas que se interessam e gostam de aves. Eles se preocupam com a alimentação, sabem diferenciar machos de fêmeas, espécies diferentes e apesar de ser uma atividade, considerada pelos órgãos ambientais, ilegal, acreditam fazer algo bom para as aves.

O beco não é um local apenas para comércio de aves, é um ambiente onde as pessoas trocam experiência, conversam, e por isso lá também existem pequenas lanchonetes, churrasquinhos, um bar onde vende bebidas alcoólicas, carrinhos com lanches, onde todos ou quase todos que frequentam aquele ambiente experimentam e convivem um pouco ali.

No início do meu contato com o beco, ficava apenas observando e me familiarizando com aquelas atividades e com as pessoas que faziam e fazem parte dali. E a medida que fui conhecendo e conversando com as pessoas que frequentam a feira, me aproximei bastante da barraca onde são comercializados CD's e DVD's copiados com diversos tipos de canto de pássaros, DVD's de briga de galo, DVD's de ataques de pitbull, entre outros. Essa barraca se localizava na entrada do Beco, onde para mim era um ponto importante de parada, de observação e de informações adquiridas para minha etnografia na “feira de aves”, se tornando um ponto de apoio para a continuidade da pesquisa.

3.3. Dia de Feira

O acesso ao beco pode ser realizado por diferentes entradas para os fregueses da feira (Figura 5). Procurei ao longo da minha pesquisa, a cada visita adentrar por uma entrada diferente, procurando ter uma visão mais completa da feira e das pessoas que frequentam aquele espaço. Um dos acessos se dá pela feira de frutas, adentrando na feira de troca, enquanto que o outro acesso, que é por onde o IBAMA costuma atuar, se dá, diretamente adentrando na feira de troca.



Figura 5 – Acessos ao Beco - Fonte: maps.google.com.br

Ao contrário de feiras livres, nessa “feira de aves” não se ouve gritos para atrair seus fregueses, talvez por ser uma atividade ilegal e os vendedores apresentarem um certo clima de “segredo”, ou até mesmo para evitar atrair órgãos de fiscalização, como o IBAMA, apesar do mesmo ter conhecimento sobre essa atividade. A negociação é feita diretamente com os compradores, e até mesmo de vendedores para vendedores, já que muito deles compram para revender ou reproduzir, como registrado em Filho, 2009 e Rocha et al, 2006.

Como em qualquer outro comércio, a feira livre de Oitizeiro conta com segurança fornecido pela prefeitura. Na feira de troca, a segurança é feita por pessoas pagas pelos feirantes, que ficam localizados em pontos estratégicos como esquinas, vestido com roupas pretas escrito “apoio” e observam todo o movimento de pessoas ao longo da feira.

Dentro da feira de aves estamos imersos em um corredor repletos de gaiolas, e aves silvestres que muitas vezes não estão à venda, apenas estão ali para que os demais vendedores possam admirá-las ou até mesmo para tomar um banho de sol. No beco pode-se encontrar desde papagaios e jabutis até cabra, ramister, porquinho da índia e até mesmo galos de briga.

Assim como na primeira barraca da feira vende-se DVD’s de briga de galos, no beco também se pratica essas demonstrações. No final deste, sempre se concentram o maior número de pessoas, sendo importante ressaltar que a predominância é de

homens, raramente mulheres ou crianças. Eles se agrupam em formato de semicírculo e admiram aquele “pequeno e breve espetáculo” da briga de galo. Quando algumas pessoas demonstram interesse os vendedores colocam dois animais e, neste momento, as pessoas que estão em volta se agrupam, posicionando-se em um círculo. Como dito, a intenção não é a briga de galo propriamente dita, soa mais como uma demonstração e avaliação do produto, neste caso, dos galos que estão a venda. Isso se repete todos os domingos e várias vezes ao longo da manhã.

Neste circuito intenso, a diversidade de frequentadores da feira de aves que circulam pelo beco, não se refere apenas aos fregueses, mas na grande maioria vendedores e admiradores da feira e das aves, assim como criadores. Uma única vez vi crianças naquele espaço com aves em gaiolas para venda, acredito que ainda não fazem parte ativamente da captura destas, já que perguntei e eles me disseram que não tinha sido eles que havia capturado. Mas acredito que se interessam pela atividade que seus pais, tios, familiares praticam e o fato de já estarem atuando na venda das aves, significa já um envolvimento e busca de aprendizado para aquela atividade.

Alguns dos vendedores que tive a oportunidade de conversar possuem uma atividade profissional fora daquela realidade e aos domingos vão até lá para a venda, para o papo com os amigos, para mostrar um cruzamento novo que conseguiu, e exibir os animais como se fossem “troféus”. Muitos deles vêm de municípios próximos, como por exemplo, Campina Grande, onde lá pegam as aves e vem comercializa-las na feira de aves.

Em uma das visitas a feira, conversava com um vendedor e ele me contava que a fiscalização realizada pelo IBAMA, estava mais intensa e era feita até mesmo mais de uma vez a cada domingo. Quando o IBAMA vai até lá, ocorre dois momentos: um de tensão, enquanto os agentes recolhem os animais e o segundo momento que é quando os mesmos vão embora, e os feirantes retornam ao processo de venda. A maior parte do estoque das aves que serão comercializadas está nas casas dos vendedores, pois evita-se levar todo o estoque para evitar ter “prejuízo” caso o IBAMA chegue até o local. Quando conversávamos sobre isso, percebi que o movimento não estava tão bom e perguntei a ele o motivo. Obtive a resposta de que o IBAMA tinha acabado de sair de lá e tinha apreendido algumas aves que estavam expostas. No mesmo momento chega um dos vendedores com um papagaio na mão, cobrando R\$500,00 pelo exemplar, foi quando esse vendedor me disse: “Tá vendo só? Isso tá errado. Esse tipo

de animal se vende pela internet ou a pessoas conhecidas e não aqui na feira. Aí chega o IBAMA e leva tudo, aí eu quero ver”.

Não sei como funciona o trabalho de fiscalização do IBAMA, mas acredito que essa prática de comercializar aves não vai acabar somente porque alguns agentes chegam e recolhem os animais. Alguns daqueles vendedores, nem acreditam que aquela atividade é ilegal, e outros nem sabem o porquê da proibição. Às vezes falta um pouco mais de educação ambiental do que repressão total. Quanto mais animais o IBAMA apreende, mais animais são retirados de seus ambientes naturais para serem comercializados, e o ciclo continua.

Um vendedor certa vez comentou: “Aqui tem muita coisa ilegal”, e perguntei “que tipo de coisa?” e a resposta foi: “O que acontece é que eles colocam em uma gaiolinha pequena uns dez galos de campina e muitas vezes morrem, e são jogados aí mesmo no chão. Isso tá errado”.

Esse pensamento me chamou atenção, pois ele diz ver muita coisa ilegal, sendo que a própria feira já é ilegal. É como se aquela atividade de comercializar aves já fizesse parte deles e não fosse mais considerado como algo ilegal. Ilegal para eles é maltratar os animais, deixá-los em um espaço pequeno, não alimentá-los da maneira correta, deixá-los doente até sua morte. Mas o fato de eles estarem tirando espécimes da natureza, engaiolando-as e comercializando sem autorização dos órgãos ambientais, não parece algo ilegal para os vendedores de aves.

Ao mesmo tempo que a feira de aves não é algo estático e se modifica de domingo em domingo, cada vendedor sabe onde tem que ficar. Cada barraca que se encontra naquele ambiente tem como dono sempre as mesmas pessoas, mas isso não impede que novos feirantes levem seus animais para comercializá-los. Naquele ambiente não há hierarquia, é só chegar e vender, porém existe uma regra básica: Trazer os animais aos poucos, à medida que for vendendo. O restante você deixa guardado em algum lugar para não “perder”. É interessante como eles tratam o “perder” e o “prejuízo”. É como se fosse algo que pertencesse a eles e o IBAMA simplesmente vai lá e toma. É o mesmo quando alguém investe em um negócio e de repente é assaltado, levam seus produtos e você fica no prejuízo, tendo que reconquistar o que foi perdido. Essa valorização que é dada por eles para cada animal é que me intriga, porque um galão de campina vale menos do que um conchito? Para eles a resposta é muito simples, é muito mais fácil encontrar um galão de campina do que um conchito, isso é um dos motivos. O fato de um conchito ter cores mais evidentes e

poder cantar parte do hino nacional também conta muito para a valorização que é dada para as aves pelos vendedores. É uma seleção como qualquer outra, como em um desfile que se escolhe uma modelo dentre várias, uma seleção de acordo com seus critérios, mas que para alguns esses valores podem ser outros.

Não podemos negar que é um negócio que mobiliza bastante dinheiro, apesar de acreditar que os vendedores não vivem desse negócio, mas é como uma alternativa de renda extra, diversão e até mesmo interesse nas aves. Alguns dos vendedores que tive contato me deixaram saber que tinham empregos fixo, como por exemplo, um que conversando me disse que trabalhava em um hospital particular e que aos domingos ia até a feira para vender as aves porque gostava daquela atividade. Como já citei anteriormente, os comerciantes de aves silvestres, procuram saber sobre as aves, seja com outros vendedores ou até mesmo na prática. Naquele ambiente pude conhecer um pouco mais da cultura popular do porque criar aves. Um dos compradores que pude conversar me falou: “É bom ter passarinhos em casa, porque se alguma coisa ruim chega lá, pega nele e ele morre e a gente fica protegida”.

Certa vez, estava como de costume, na minha observação da feira, quando percebi uma movimentação diferente, me aproximei e notei dois senhores de aproximadamente cinquenta anos no meio da movimentação. Estavam muito bem vestidos, com camisa de linho com botões, calça e sapato social. Era perceptível que não pertenciam a feira. Um deles estava com um maço de dinheiro na mão, mostrando as notas ao conta-las e entrega-las a alguns vendedores na qual fizeram negócio. Nunca tinha presenciado algo do tipo. Todos os vendedores se aproximavam deles tentando fazer com que se agradassem da sua ave. Nesse dia me dei conta o quão é forte esse comércio. Pessoas que os órgãos de fiscalização não tem acesso e talvez nunca terão, mas que turbinam esse comércio.

4. O comércio de aves

Diante dos dados coletados, por observação direta, foi possível perceber uma preferência para captura de espécies da família Emberizidae (Gráfico 1). Os exemplares dessa família são apreciados pelo seu canto, sendo mais fácil sua manutenção em cativeiro. Dentro dessa família, os do gênero *Sporophila* (Papa capim, Coleira, Golado, Bigode e Patativa) foram os mais procurados (Gráfico 2).

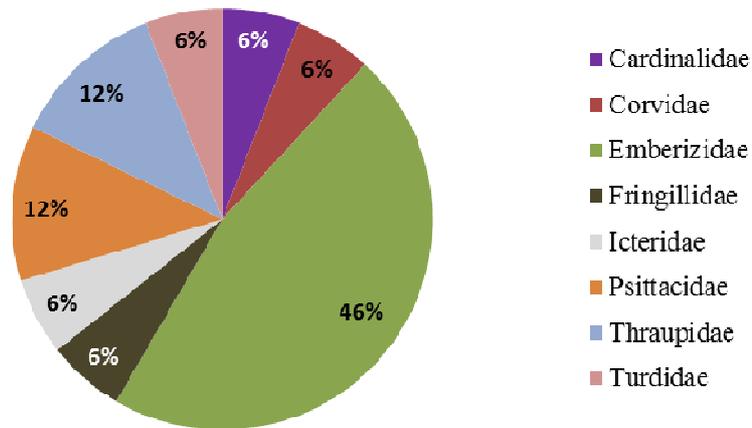


Gráfico 1 – Distribuição relativa das famílias de aves registradas, com destaque para a predominância de espécies da família Emberizidae.

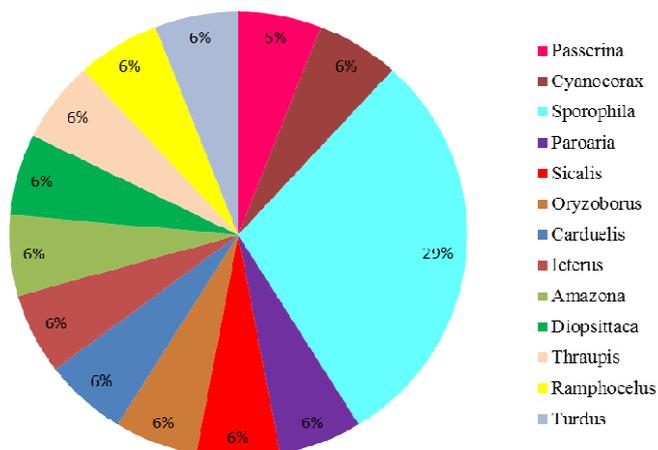


Gráfico 2 – Participação marcante do gênero *Sporophila* entre as espécies comercializadas.

A partir das espécies encontradas, busquei na IUCN o estado de conservação delas na natureza. Essa classificação é um diagnóstico do risco de extinção das espécies, identificando e localizando as principais ameaças, as áreas importantes para a manutenção da espécie e a compatibilidade com atividades antrópicas.

Os fatores usados para classificação incluem a amplitude de distribuição da espécie, o nível de ameaça a que está sujeita, a variação do tamanho da população, e outros. Entre as

classificações do estado de conservação das espécies animais e vegetais, a Lista Vermelha da IUCN, é a mais conhecida. Esta utiliza-se das seguintes categorias:

Extinta (EX - *Extinct*): o último representante de espécie já morreu, ou se supõe que tenha morrido.

Extinta na natureza (EW – *Extinct in the Wild*): existem indivíduos em cativeiro, mas não há mais populações naturais.

Crítica ou criticamente ameaçada (CR – *Critically Endangered*): sofre risco extremamente alto de extinção na natureza.

Em perigo (EM - *Endangered*): sofre risco muito alto de extinção na natureza.

Vulnerável (VU - *Vulnerable*): sofre alto risco de extinção a médio prazo.

Quase ameaçada (NT – *Near Threatened*): ainda não sofre risco de extinção, mas as ameaças sobre ela são crescentes.

Segura ou pouco preocupante (LC – *Least Concern*): não sofre ameaça imediata a sua sobrevivência. Inclui táxons abundantes e de ampla distribuição.

Dados insuficientes (DD – *Data Deficient*): informação inadequada para fazer assessoria direta ou indireta do risco de extinção.

Não avaliados (NE – *Not Evaluated*): Não foi avaliada ainda em relação a esses critérios.

Quanto ao estado de conservação das aves comercializadas, todas se encaixam na categoria “pouco preocupante” (*Least Concern – LC*) de acordo com a lista vermelha da União Internacional para a Conservação da Natureza e dos Recursos Naturais (IUCN), ou seja, se encontram em abundância na natureza, com exceção de *Passerina brissonii* e *Carduelis yarrelli* que se enquandram na categoria “vulnerável” (*Vulnerable – VU*), como observamos no quadro 1.

Quadro 1 – Relação das espécies de aves comercializadas no Beco por observação direta. Considere LC (*Least Concern*) = Pouco preocupante e VU = vulnerável, de acordo com a IUCN.

Família / Espécie	Nome citado	Valor Aproximado (R\$)	Estado de Conservação
Cardinalidae			
<i>Passerina brissonii</i>	Azulão	R\$ 10,00 a R\$ 50,00	VU
Corvidae			
<i>Cyanocorax cyanopogon</i>	Cancão	R\$ 30,00 a R\$ 60,00	LC
Emberizidae			
<i>Sporophila nigricollis</i>	Papa capim	R\$ 15,00 a R\$ 50,00	LC
<i>Sporophila caerulea</i>	Coleira	R\$ 15,00 a R\$ 50,00	LC
<i>Sporophila albogularis</i>	Golado	R\$ 10,00 a R\$ 20,00	
<i>Sporophila lineola</i>	Bigode	R\$ 20,00 a R\$ 50,00	LC
<i>Sporophila plumbea</i>	Patativa	R\$ 30,00 a R\$ 60,00	
<i>Paroaria dominicana</i>	Galo de campina	R\$ 25,00 a R\$ 70,00	LC
<i>Sicalis flaveola</i>	Canário da terra	R\$ 30,00 a R\$ 100,00	LC
<i>Oryzoborus angolensis</i>	Curió	R\$ 30,00 a R\$ 80,00	LC
Fringillidae			
<i>Carduelis yarrelli</i>	Pitassilva	R\$ 15,00 a R\$ 50,00	VU
Icteridae			
<i>Icterus jamaicensis</i>	Concriz	R\$ 40,00 a R\$ 100,00	LC
Psittacidae			
<i>Amazona aestiva</i>	Papagaio verdadeiro	R\$ 350,00 a R\$ 500,00	LC
<i>Diopsittaca nobilis</i>	Maracanã-nobre	R\$ 50,00 a R\$ 80,00	LC
Thraupidae			
<i>Thraupis sayaca</i>	Sanhaçu	R\$ 15,00 a R\$ 30,00	LC
<i>Ramphocelus bresilius</i>	Tiê-sangue	R\$ 30,00 a R\$ 70,00	LC
Turdidae			
<i>Turdus rufiventris</i>	Sabiá laranjeira	R\$ 25,00 a R\$ 40,00	LC

5. CONCLUSÃO

O comércio ilegal de animais silvestres é percebido, pela maior parte da população, como algo perigoso, na qual as pessoas que fazem parte desse universo são desprovidas de qualquer sentimento relacionado aos animais.

Ao longo dessa pesquisa, pude desmistificar um pouco desse universo tão temeroso e perceber que além do comércio, existe o saber, o lazer, o trocar informações e até mesmo o “bater um papo no Beco”. Não é só um comércio, é a socialização das pessoas com outras que apresentam o mesmo interesse: as aves.

Também pude abranger um pouco o meu conceito de ilegalidade, pois para alguns que fazem parte daquele universo, o ato de comercializar aves não é considerado ilegal. Para eles, o ilegal seria o maltrato, por isso para alguns, o que atrai o órgão de fiscalização não é a venda de animais, mas o que alguns que participam da feira fazem com eles.

Diante disso, acredito ter dado um ponta pé inicial para que outras pesquisas possam ser desenvolvidas e seja possível o melhor esclarecimento das práticas do comércio ilegal de animais e do que leva as pessoas a comercializar esses animais. Assim como incentivar os órgãos de fiscalização a educar a população ao invés de apenas apreender animais, incentivando ainda mais o comércio ilegal.

ANEXO

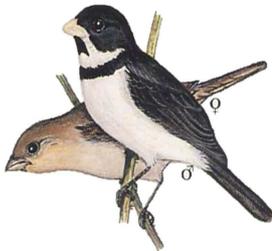
ATLAS VISUAL DAS ESPÉCIES ENCONTRADAS



<http://sop.net78.net/-big.jpg>

Papa capim (*Sporophila nigricollis*)

“Ocorre em grande parte do Brasil associando-se em bandos a outros *Sporophila*. Comum em áreas agrícolas, beiras de estradas tomadas por capinzais e campos limpos” (SIGRIST, 2009, pg 272). Ave pequena de aproximadamente 11 cm de comprimento. É considerado como espécie ameaçada pelo CEMAVE.



<http://www.joseeduardomartins.com/073.coleirinha-big.jpg>

Coleirinha (*Sporophila caerulea*)

“A espécie mais comum do gênero no Brasil Oriental, atinge a Amazônia em sua migração durante o inverno. Ao contrário de seus congêneres, consome várias sementes de capins exóticos introduzidos pela pecuária nas fazendas. Nesses capinzais, disputa as sementes com o tiziu e o bico-de-lacre” (SIGRIST, 2009, pg 273). Ave pequena de aproximadamente 12 cm de comprimento.



GAMA & SASSI, 2008

Golado (*Sporophila albogularis*)

“Endêmico do Nordeste e do Norte da Região Sudeste. Vive nas veredas úmidas da Caatinga. Alimenta-se no solo ou no capinzal baixo” (SIGRIST, 2009, pg 273). Ave pequena de aproximadamente 11 cm de comprimento.



<http://www.avedomestica.com.br/cocad/images/stories/Serrado/bigodinh.jpg-big.jpg>

Bigode (*Sporophila lineola*)

“Comum em muitos locais do Brasil Centro-Metridional, migra em determinados locais durante certas estações. Apreciados por passarinhos, ainda continua a fixar seus ninhos nos pomares, apesar da perseguição que lhe movem” (SIGRIST, 2009, pg 272). Ave pequena de aproximadamente 11 cm de comprimento.



Sporophila plumbea
© Pablo Canevari

Patativa (*Sporophila plumbea*)

“Espécie canora apreciada por passarinhos. Vive em capoeiras, cerrados, buritizais, matas ralas ribeirinhas. A espécie desaparece vítima da perseguição insensata de passarinhos e com a destruição de seu habitat” (SIGRIST, 2009, pg 272). Ave pequena de aproximadamente 11 cm de comprimento.



<http://www.avedomestica.com.br/cad/images/stories/Serrado/bigodinh.jpg-big.jpg>

Galo de Campina (*Paroaria dominicana*)

“Endêmico do interior dos Estados Nordestinos. Pode se tornar a espécie mais abundante das caatingas e matas ralas secas em muitas localidades embora seja perseguido por passarinhos” (SIGRIST, 2009, pg 277). Ave pequena de aproximadamente 18 cm de comprimento.



<http://sop.net78.net/>

Canário da terra (*Sicalis flaveola*)

“Apreciado por seus dotes canoros, é aprisionado como pássaro de gaiola no Brasil Oriental. Habita área semiabertas com arborização esparsa, campos, pastos sujos, caatingas, campos de culturas e arrozais. Podem nidificar nas fazendas sob telhas e gomos de bambus” (SIGRIST, 2009, pg 270). Ave pequena de aproximadamente 14 cm de comprimento.



<http://sop.net78.net/>

Curió (*Oryzoborus angolensis*)

“Pássaro de gaiola dos mais apreciados deste país, motivo pelo qual desaparece na natureza, vítima do tráfico de animais silvestres. Vive em bordas de matas próximas a áreas pantanosas ou brejos, alimentando-se de sementes, tais como as da tiririca” (SIGRIST, 2009, pg 275). Ave pequena de aproximadamente 12 cm de comprimento.



GAMA & SASSI, 2008

Pitassilva (*Carduelis yarrelli*)

“Muito apreciado por seu canto melódico, este pássaro é capturado como pássaro de gaiola no Nordeste. Trata-se de uma das mais belas espécies do gênero e uma das mais ameaçadas de extinção. Habita áreas semiabertas com árvores esparsas, campos, caatingas, campos cultivado e brejais” (SIGRIST, 2009, pg 291). Ave pequena de aproximadamente 10 cm de comprimento.

<http://sop.net78.net/>

Azulão (*Passerina brissonii*)

“Muito apreciado como pássaro de gaiola, torna-se raro na natureza em virtude da perseguição insensata dos passarinheiros. Apresenta canto desenvolvido e inclui em seu repertório um bonito canto da madrugada. O casal vive às margens de florestas em áreas úmidas adjacentes, procurando ativamente por bagas e sementes” (SIGRIST, 2009, pg 279). Ave pequena de aproximadamente 17 cm de comprimento.

www.oocities.org

Concriz (*Icterus jamacaii*)

“Uma das mais belas e apreciadas aves do Nordeste. Imitam cantos de outros pássaros e até trechos de músicas quando em cativeiro. Podem cantar de cabeça pra baixo no poleiro ou esticar o pescoço pra cima, levantando a cauda ao mesmo tempo. Apreciam frutos e o doce néctar das flores e consomem até as pétalas das mesmas. Vive em caatingas, matas secas e áreas abertas com árvores esparsas” (SIGRIST, 2009, pg 286). Mede aproximadamente 23 cm de comprimento.

<http://blogdobebras.blogspot.com>

Papagaio verdadeiro (*Amazona aestiva*)

“É frequentemente considerado um dos papagaios mais comum no Brasil Centro-oriental. Prefere áreas semiabertas, bordas de florestas, capoeiras, cerrados, matas secas, caatingas, matas de galeria, buritizais, savanas de cupim e cerradão. Alimenta-se de frutos e, possivelmente, de larvas e ninfas de insetos que procura sob a casca das árvores” (SIGRIST, 2009, pg 96). Ave de

aproximadamente 37 cm de comprimento.



eduardobrettas.blogspot.com.br/

Maracanã-pequena (*Diopsittaca nobilis*)

“Espécie pequena de áreas semiabertas, cerrados, buritizais, matas secas, plantações e eucaliptais. Eventualmente ocupa túneis escavados por outras aves em cupinzeiros arborícolas ou em estirpes mortas de palmeiras quebradas pelo vento. Alimenta-se de frutos, sementes, grãos e flores” (SIGRIST, 2009, pg 87). Ave de aproximadamente 30 cm de comprimento.



<http://ibc.lynxeds.com/photo/white-naped-jay-cyanocorax-cyanopogon/individual-adult-undetermined/>

Cancão (*Cyanocorax cyanopogon*)

“Endemismo do Nordeste e do Centro-Oeste expande sua área de ocorrência no Espírito Santo e na Bahia. Caçam cupins alados em revoadas e roubam carne exposta ao sol pra secar, bem como apreciam carcaças que encontram em seus domínios. Apreciam os frutos do Mandacaru e possivelmente outros frutos. Essa gralha é localmente perseguida no Nordeste como pássaro de gaiola” (SIGRIST, 2009, pg 243). Ave de aproximadamente 31 cm de comprimento.



www.flickriver.com

Sanhaçu (*Thraupis sayaca*)

“Um dos pássaros mais conhecido do Brasil Oriental, comum em cidades, parques e jardins. Fora do período reprodutivo, torna-se nômade, dispersando-se em grupos e acompanhando a frutificação sazonal de certas fruteiras” (SIGRIST, 2009, pg 262). Ave de aproximadamente 17 cm de comprimento.



www.avedomestica.com.br

Tiê-sangue (*Ramphocelus bresilius*)

“Um dos mais belos pássaros encontrados na baixada litorânea em restingas, capoeiras e matas secundárias do Brasil Oriental. Aparecem em cidades litorâneas tornando-se localmente comum. Frequentemente aparece em locais à beira d’água à procura de

frutos” (SIGRIST, 2009, pg 262). Ave de aproximadamente 18 cm de comprimento.



<http://sop.net78.net/>

Sabiá Laranjeira (*Turdus rufiventris*)

“É a ave símbolo nacional do Brasil, vivendo em áreas semiabertas e bordas de matas, nos pomares em cidades e capoeiras. Canta até de madrugada durante o período de acasalamento entre setembro e dezembro. Toma demorados banhos de chuva, arranca minhocas no solo úmido ou bica frutos nos pomares. Localmente é o sabiá mais comum e abundante” (SIGRIST, 2009, pg 253). Ave de aproximadamente

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Disponível em: < <http://www.planalto.gov.br> >. Acesso em: 05 de julho de 2011.

_____. Lei 9605, de 12 de fevereiro de 1998. **Dispõe sobre as sanções penais e administrativas derivadas de condutas e atividades lesivas ao meio ambiente**, Brasília. Disponível em: < <http://www.planalto.gov.br> >. Acesso em 05 de julho de 2011.

BARBOSA, L. (1996). **Cultura administrativa das relações entre antropologia e administração**. Revista de Administração de Empresas, 36(4), 6-19.

BARROSO, Gustavo Dodt. **O Brasil e a lenda na cartografia antiga**. São Paulo: GDR, 2000, 2. Ed, p.30. In: HERNANDEZ, E. F. T. **O tráfico de animais**.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede – a era da informação: economia, sociedade e cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 1999. In: HERNANDEZ, E. F. T.; CARVALHO, M. S. **O tráfico de animais silvestres no estado do Paraná**. Acta Sci. Human Soc. Sci. Maringá, v. 28, n. 2, p. 257-266, 2006.

COEFA/CGFAP/DBFLO. **Campanha Nacional de Proteção à fauna silvestre**. Relatório Semestral.

DALMOLIN, B.M., LOPES, S.M.B., VASCONCELLOS, M.P.C.. **A construção metodológica do Campo: Etnografia, criatividade e sensibilidade na investigação**. Saúde e Sociedade 11(2):19-34, 2002.

ELABRAS, R.B., 2003. **Operações de repressão aos crimes ambientais: procedimentos e resultados**. p. 77-88. In: PAGANO, I. S. A.; SOUZA, A. E. B. A.; WAGNER, P. G. C. & RAMOS, R. T. C.. **Aves depositadas no Centro de Triagem de Animais Silvestres do IBAMA na Paraíba: uma amostragem do tráfico de aves silvestres no estado**. Ornithologia 3 (2): 132-144, dezembro 2009.

FARIAS, G. B.; ALVES, A. G. C. **É importante pesquisar o nome local das aves?** Revista Brasileira de Ornitologia. V. 15 n. 3 p. 403-408, 2007.

FREITAS, M. E. (1991). **Cultura organizacional: formação, tipologias e impactos**. São Paulo, SP: McGraw Hill

FILHO, I. D. **A influência da Sociedade no Tráfico de Animais Silvestres no Brasil**. Revista geo-paisagem (on line). Ano 8, nº 16, ano 2009.

FINO, C. N. **A etnografia enquanto método: um modo de entender as culturas (escolares) locais**. Universidade da Madeira.

GAMA, T.P.; SASSI, R. **Aspectos do comércio ilegal de pássaros silvestres na cidade de João Pessoa, Paraíba, Brasil**. Gaia Scientia 2008, p01-p020.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

HERNANDEZ, E.F.T., CARVALHO, M.S.. **O tráfico de animais silvestre no Paraná**. Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina – 20 a 26 de março de 2005 – Universidade de São Paulo. Pg 6887 a 6903.

HERNANDEZ, E. F. T.; CARVALHO, M. S. **O tráfico de animais silvestres no estado do Paraná**. Acta Sci. Human Soc. Sci. Maringá, v. 28, n. 2, p. 257-266, 2006.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2001) <http://www.ibge.gov.br> .
In: RENCITAS, 2001. **1 Relatório Nacional sobre o tráfico de fauna silvestre**. Rede Nacional de Combate ao Tráfico de Animais Silvestres, Brasília, 108p.

INSAURALDE, A. L. S.; GUIA, M. M. R.; FELIX, G. D. N. **O tráfico de animais e suas conseqüências**. Julho de 2010, Porto Alegre/RS.

LADEIA, L. Q. & FENNER, A. **Tráfico de Animais Silvestres**. PUC Goiás.

LENGLER, J.F.B. & CAVEDON, N.R. **Do “Templo do consumo” a representação mitológica: um olhar etnográfico desconstrutivo sobre ritos no shopping Center**. RIMAR, v.1, n.2, p.23-28, mai./ago. 2002.

LITTLE, P. E. **ECOLOGIA POLÍTICA COMO ETNOGRAFIA: UM GUIA TEÓRICO E METODOLÓGICO**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 12, n. 25, p. 85-103, jan./jun. 2006.

LOPES, J. C. A. 2003. **Operações de fiscalização da fauna: análise, procedimentos e resultados**. p. 17-49. In: PAGANO, I. S. A.; SOUZA, A. E. B. A.; WAGNER, P. G. C. & RAMOS, R. T. C.. **Aves depositadas no Centro de Triagem de Animais Silvestres do IBAMA na Paraíba: uma amostragem do tráfico de aves silvestres no estado**. Ornithologia 3 (2): 132-144, dezembro 2009.

MALINOWSKI, B. **Objetivo, método e alcance da pesquisa**. In: GUIMARÃES, A.Z. **Desvendando mascaras sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980.

MATOS, C. L. G. **A abordagem etnográfica na investigação científica**. UERJ, 2001. Disponível em:
<http://www.ines.gov.br/paginas/revista/A%20bordag%20_etnogr_para%20Monica.htm> .
Em 30 de novembro de 2011.

MMA. 2003. **Lista da fauna brasileira ameaçada de extinção**. Instrução Normativa do Ministério do Meio Ambiente nº 03/2003, Diário Oficial da União nº 101, Seção 1, páginas 88-97, dia 28.05.2003.

MENEZES, I. R., ALBUQUERQUE, H. N. & CAVALCANTI, M. L. F. **Avifauna no Campus I da UEPB em Campina Grande – PB**. Revista de Biologia e Ciências da Terra. V.5, n.1, 2004. p. 10. In: ROCHA, M. S. P.; CAVALCANTI, P. C. M.; SOUZA, R.L. & ALVES, R.R.N. **Aspectos da comercialização ilegal de aves nas**

feiras livres de Campina Grande, Paraíba, Brasil. Revista de Biologia e Ciências da terra. V.6. n.2. 2º semestre 2006.

MITTERMEIER, R.A.; WERNER, T.; AYRES, J.M. e FONSECA, G.A.B (1992) "**O País da megadiversidade**". Ciência Hoje (14): p. 20-27, 81. In: RENTAS, 2001. **1 Relatório Nacional sobre o tráfico de fauna silvestre.** Rede Nacional de Combate ao Tráfico de Animais Silvestres, Brasília, 108p.

NORBERTO, G. 2009. **Tráfico de Animais Silvestres x Educação.** Disponível em: <http://www.zoo.ba.gov.br/upload/pdf/artigo_gerson.pdf>. Acesso em: 16 dez. 2009.

PADRONE, J. M. B. **O comércio ilegal de animais silvestres: avaliação da questão ambiental no estado do Rio de Janeiro.** 130 f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ. 2004.

PAGANO, I. S. A.; SOUZA, A. E. B. A.; WAGNER, P. G. C. & RAMOS, R. T. C.. **Aves depositadas no Centro de Triagem de Animais Silvestres do IBAMA na Paraíba: uma amostragem do tráfico de aves silvestres no estado.** Ornithologia 3 (2): 132-144, dezembro 2009.

PEREIRA, G. A. & BRITO, M. T. **Diversidade de Aves Silvestres Comercializadas nas Feiras Livres da Região Metropolitana de Recife, Pernambuco.** *Atualidades Ornitológicas*. N.126, 2005. P.14.

PRIMACK, R. B. & RODRIGUES, E. **Biologia da Conservação.** Londrina:Planta, 2001.

QUEIROZ, D. T.; VALL, J.; SOUZA, A. M. A.; VIEIRA, N. F. C. **Observação participante na pesquisa qualitativa: conceitos e aplicações na área da saúde.** UERJ, Rio de Janeiro, 2007.

RENTAS, 2001. **1 Relatório Nacional sobre o tráfico de fauna silvestre.** Rede Nacional de Combate ao Tráfico de Animais Silvestres, Brasília, 108p. In: PAGANO, I. S. A.; SOUZA, A. E. B. A.; WAGNER, P. G. C. & RAMOS, R. T. C.. **Aves depositadas no Centro de Triagem de Animais Silvestres do IBAMA na Paraíba: uma amostragem do tráfico de aves silvestres no estado.** Ornithologia 3 (2): 132-144, dezembro 2009.

RIBEIRO, L. B. & SILVA, M. G. **O comércio ilegal põe em risco a diversidade das aves no Brasil.** *Tendências. Ciência e Cultura*. v. 59. n.4.

ROCHA, M. F.(Coord.), **Tráfico de Animais silvestres no Brasil, Documento para Discussão.** WWF, TRAFFIC. Brasília, 1995.p. In: SOUZA, G. M. & FILHO, A. O. S. **O comércio ilegal de aves silvestres na região do Paraguaçu e sudoeste da Bahia.** Enciclopédia Biosfera, N. 01, 2005.

ROCHA, M. S. P.; CAVALCANTI, P. C. M.; SOUZA, R.L. & ALVES, R.R.N. **Aspectos da comercialização ilegal de aves nas feiras livres de Campina Grande, Paraíba, Brasil.** Revista de Biologia e Ciências da terra. V.6. n.2. 2º semestre 2006.

SICK, Helmut. **Ornitologia Brasileira: Uma Introdução** (Edição Revista e Ampliada por José Fernando Pacheco). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997. 912 p.
In: ROCHA, M. S. P.; CAVALCANTI, P. C. M.; SOUZA, R.L. & ALVES, R.R.N. **Aspectos da comercialização ilegal de aves nas feiras livres de Campina Grande, Paraíba, Brasil.** Revista de Biologia e Ciências da terra. V.6. n.2. 2º semestre 2006.

SCHULZ-NETO, A. 1995. **Lista das aves da Paraíba.** Superintendência Estadual do IBAMA na Paraíba. 28p.

SIGRIST, T. **Guia de Campo Avis Brasilis - Avifauna Brasileira: Descrição das Espécies.** São Paulo, Avis Brasilis, 2009.

SILVEIRA, L. F.. **Aves da Mata Atlântica: megadiversidade em perigo.** Planeta Sustentável, 2010.

SOUZA, G. M. & FILHO, A. O. S. **O comércio ilegal de aves silvestres na região do Paraguaçu e sudoeste da Bahia.** Enciclopédia Biosfera, N. 01, 2005.

SOUZA, E. L. P. (1978). **Clima e cultura organizacionais: como se manifestam e como se manejam.** São Paulo, SP: Edgard Blucher.